

POEMAS DE ANGOLA

A TRAIÇÃO DA PALAVRA

ALFEU TACIANO

Luanda - Angola

A palavra comeu a raiz do imbondeiro
e saiu grávida do fundo da terra
do seu parto feiticeiro a múkua
cumpriu a jornada da salvação
no cemitério do avesso

A palavra comeu o sexo virgem da semente do tempo
e saiu grávida do fundo da terra molhada
pela lágrima da chuva que verdeja mayombe
na vista dos deuses

A palavra comeu a raiz do veneno agridoce
e saiu ávida e grávida do fundo da terra
que povoa o tempo na boca de fazer futuro e
de cantar o desejo!

POEMA

ROBERTO DA CONCEIÇÃO
Luanda - Angola

1

Relâmpagos de ternura
matavam em mim
o núcleo da substância

2

Esfrego a pele do sujeito
até ao orgasmo do dedo

3

Enjôo-me na sapiência
que sobe a colina do olho
na batucada da íris

4

Navego a lua do umbigo
em colchões de mel
agrimensurando o útero
dos vidros do sol

5

A gordura dorme a flor
congelando a sufragância corôa
que rebenta a flecha do horizonte

AFIRMAÇÃO

KIM ALVES
Huambo / 1984

EU, tu ele
nós a Nação
Povo de decisão
numa só afirmação

Com o Mundo no coração
e uma arma na mão
contra o imperialismo e humilhação
neo-colonialismo e exploração
apartheid e escravidão
linkage e subjugação
somos afirmação.

Por Angola e a Revolução
internacionalismo e aproximação
sem equívoca sensação
somos afirmação.

Pelos pioneiros a construção
pois futuro são
certeza e consolação
a nossa inquebrantável afirmação.

Eu, tu, ele
nós a Nação
Povo de decisão
numa só AFIRMAÇÃO

(A FRANCISCO JOAQUIM DA CONCEIÇÃO)

ROBERTO DA CONCEIÇÃO

Luanda - Angola

A tua boca
tem as raízes da preposição
que lambe
o carmim dos tímpanos dos dedos

Olhos sangrando
o fogo que fala no mar
a sorte da dor
que o ditongo traz no umbigo

As madrugadas
violentam os edifícios das montanhas
as tempestades
acariciam os degraus das páginas

A lua
Sangrando o écran da morfologia
o dia
madrugando o sexo da sintaxe

DA BOCA AO CONTRATO

FERNANDO ALVARENGA

Angola / 1973

Ao David Mestre
- Homenagem à sua Poesia e
ao encontro desta com problemas
iguais e afins ao do presente
poema, que suponho estar ainda inédito

Do grão espremido ao café
na chávena um fumo de língua
erecta derrama a notícia
da boca
a nudez navegada
à ponta do pé

Enquanto saber e sabor
se bebem à mesa folheio
navios café pelas águas
batidas
a fome da sede
à ponta do pé

Da feira ao silêncio o café
fumega novelos por lábios
e lábios que sabem a
mar
a cor feita pele e tambor
à ponta do pé